

*A identidade territorial Kalunga e perspectivas para o desenvolvimento do turismo nas comunidades Diadema e Ribeirão*¹

La identidad territorial Kalunga y perspectivas para el desarrollo del turismo en las comunidades Diadema y Ribeirão

Kalunga territorial identity and perspectives for the development of tourism in communities of Diadema e Ribeirão

Luana Nunes Martins de Lima
Universidade Federal de Goiás
luanunes_7@hotmail.com

Maria Geralda de Almeida
Universidade Federal de Goiás
mgdealmeida@gmail.com

Resumo

Essa pesquisa está centrada nas comunidades quilombolas de Diadema e Ribeirão (Teresina de Goiás), enfocando aspectos de sua cultura, identidade e relação com o Cerrado. Além disso, foi realizado um diagnóstico das potencialidades turísticas da região e uma síntese das perspectivas para o desenvolvimento do turismo como um meio para a melhoria da qualidade de vida dessas comunidades. Apontou-se possibilidades para o ecoturismo, com destaque para o turismo cultural, rural e de pesca. Constatou-se que o exercício de experiências alternativas pode ser enfrentado pelas comunidades visitadas, desde que contem com o apoio de políticas públicas que não percam de vista as características singulares do grupo.

Palavras-chave: Kalunga, Identidade Cultural, Território, Turismo

¹ O presente artigo foi elaborado a partir das pesquisas realizadas e apresentadas ao Programa Institucional de Bolsa à Iniciação Científica (PIBIC) no período 2010/2011.

Resumen

Esta investigación se centra en las comunidades de cimarrones de Diadema y Ribeirão, (Teresina de Goiás), centrándose en los aspectos de su cultura, identidad y relación con el Cerrado. Además, fue hecho un diagnóstico del potencial turístico de la región y una síntesis de las perspectivas para el desarrollo del turismo como un medio para mejorar la calidad de vida de estas comunidades. Apuntó se posibilidades para el ecoturismo, con destaque para el turismo cultural, rural y de pesca. Constató se que lo ejercicio de experiencias alternativas puede ser enfrentado por las comunidades visitadas, desde que tengan el apoyo de políticas públicas que no perchan de la vista las características singulares del grupo.

Palabras-clave: Kalunga, Identidad Cultural, Territorio, Turismo

Abstract

This research is centered on the quilombolas communities of Diadema and Ribeirão (Teresina de Goiás), focusing on aspects of their culture, identity and relationship with Cerrado. Moreover, it was made a diagnosis of the region's tourism potentiality and a synthesis of the perspectives for the development of tourism as a way to improve the quality of life of these communities. It aims possibilities to the ecologic tourism, emphasizing the cultural, rural and fishing tourism. It notices that the exercises of alternative experiences can be faced by the visited communities, if they have the support of public politics which consider the singular characteristics of the group.

Key-words: Kalunga, Cultural Indentity, Territory, Tourism

Introdução

As comunidades denominadas quilombolas são grupos sociais cuja identidade étnica e cultural os distinguem no conjunto da sociedade. Por mais de dois séculos estas comunidades formadas por antigos escravos, negros alforriados constituídas em quilombos buscam por seus direitos e pela garantia de seus territórios. Com a inclusão do Artigo 68 no Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988, que prevê o reconhecimento da propriedade das terras dos remanescentes de quilombos, esses grupos foram finalmente reconhecidos oficialmente pelo Estado e passaram a buscar de maneira mais efetiva seus direitos (NEIVA, 2008).

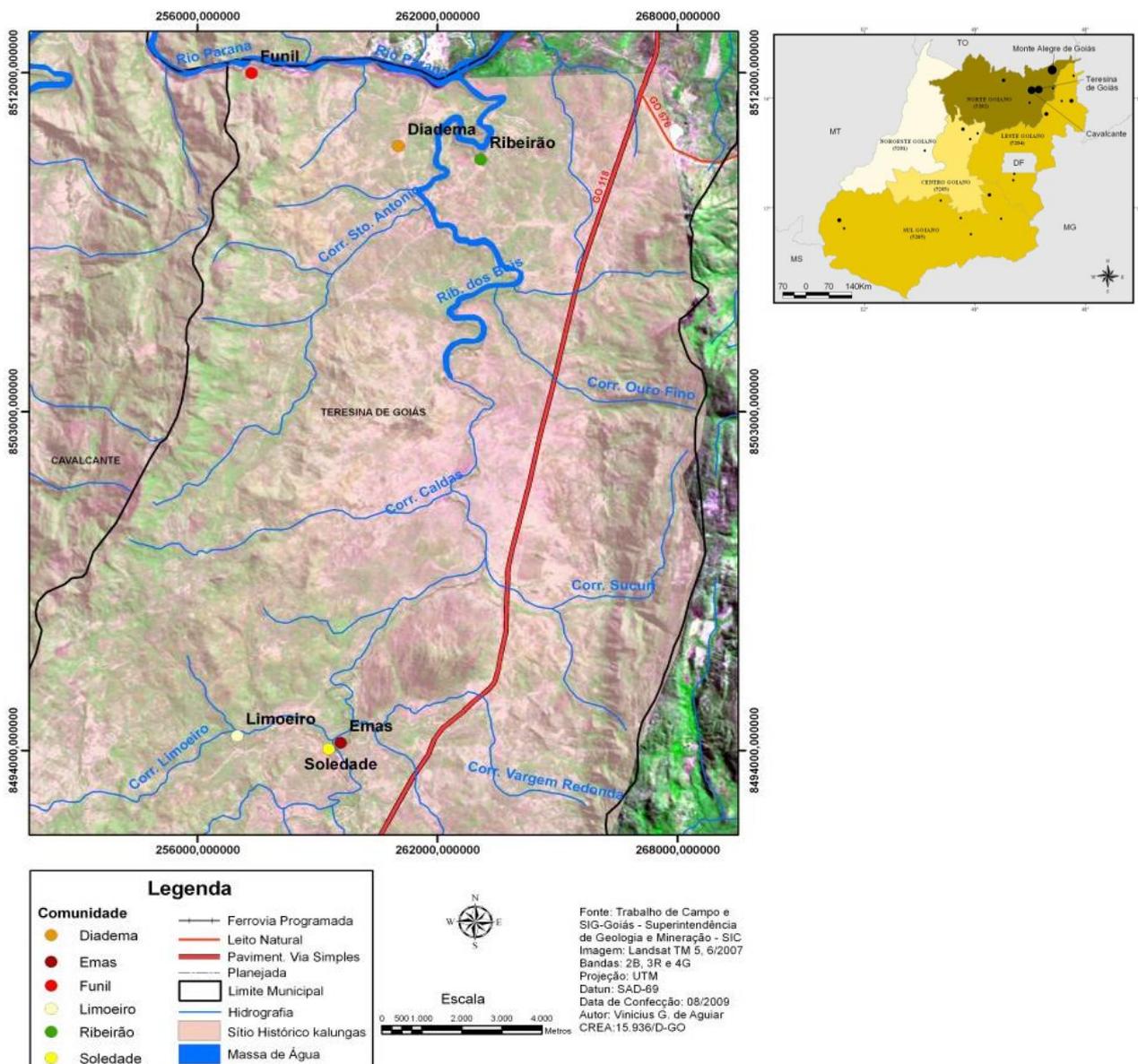
Dentre essas comunidades tradicionais encontram-se, na região norte de Goiás, nos municípios de Cavalcante, Monte Alegre de Goiás e Teresina de Goiás, os Kalunga. Em termos numérico e histórico está entre as maiores do país, ocupando uma área de 253,2 mil hectares, com uma população estimada de 3.752 habitantes, segundo Almeida (2010). Em 1991 esse território foi reconhecido como Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, pela Lei Complementar do Estado de Goiás, número 11.409-91. Estas comunidades quilombolas encontram-se entre os Vãos da Serra Geral, parte ocupado pelo vale do Rio Paranã e seus afluentes, às bordas da Chapada dos Veadeiros, na qual se encontra o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.

No primeiro momento, buscou-se analisar o território do norte goiano levando em conta os aspectos políticos, culturais e sociais, desvelando os impactos socioculturais. Por meio dos levantamentos bibliográficos e visitas a campo foi possível compreender o processo de construção da identidade territorial da comunidade Kalunga, a partir dos elementos memorialísticos produzidos por estes.

No segundo momento da pesquisa, período compreendido entre os meses de fevereiro a junho de 2011, objetivou-se compreender de que maneira as comunidades quilombolas Kalunga de Diadema e Ribeirão, localizadas no município de Teresina de Goiás podem ser inseridas na alternativa do turismo.

Pelos aspectos observados na própria vivência do povo Kalunga, em visitas à campo, o que foi analisado é o princípio de um estudo que deverá ser mais aprofundado, com a pretensão de demonstrar a relação dessas comunidades com o turismo e as possibilidades da interação entre cultura, turismo e desenvolvimento para a região.

Figura 1: Sítio Histórico Kalunga – Comunidades de Teresina de Goiás



Os procedimentos e instrumentos para a pesquisa seguiram-se com os levantamentos bibliográficos e visitas de campo ao município de Teresina de Goiás, com intuito de verificar na região, nas comunidades Kalunga de Diadema e Ribeirão, as potencialidades turísticas. Além disso, houve registros fotográficos e gravações das conversas com moradores locais. Foram entrevistados os homens: D.S., M.S.S., D.G.A., S.F.M., F.S., D.M.P., S.P., M.P.X., A.C. e R.M.S.; e as mulheres: M.P.B., L.M.S., M.S.P., L.F.C., J.C., enfocando aspectos de sua cultura, identidade e relação com o Cerrado. Também foi realizada entrevista com o atual prefeito de Teresina de Goiás, Odete Teixeira Guimarães.

Territorialidade Kalunga nas comunidades Diadema e Ribeirão: aspectos culturais, religiosos e socioespaciais

Para Almeida (2010), o território Kalunga representa substancialmente uma convivialidade, ou seja, uma espécie de relação social, política e simbólica que liga o homem à sua terra enquanto constrói sua identidade cultural. A autora explica que uma identidade cultural é composta por elementos que, juntos, formam um todo integrado e interrelacionado, como a língua, a história, o território, os símbolos, as leis, os valores, as crenças e outros elementos tangíveis, incluindo a tecnologia.

Em conversas com os moradores foi possível constatar que sua identidade se estabelece na relação que os mesmos têm com o lugar e o sentimento de pertencimento dá-se em virtude de ser o lugar onde nasceram e foram criados, como pode ser entendido no seguinte depoimento: “A pessoa que nasceu e criou aqui dentro, ele tem muito o estilo do lugar. Tem vontade de andar, uma hora tá aqui, uma hora tá lá no pé da serra, outra hora pega o anzol e vai pra beira desse rio aí, então é tudo divertimento”. (D.S., 48 anos)

Ainda conforme Almeida (2010), o território Kalunga é o local da convivência, das relações sociais, simbólicas e de sua memória. Assim, os Kalunga “reconhecem a herança cultural e o local de vivências com suas características naturais, como definidores de seu grupo social e de sua identidade territorial” (ALMEIDA, 2010, p.43).

Assim, é pelo reconhecimento de sua própria cultura e pela relação com seu espaço de vivência que os Kalunga nutrem a memória coletiva. A memória é um elemento essencial da identidade. A memória do grupo representa a formação e representação da cultura e identidade de um povo. Nesse sentido, ela atua como um saber, formando tradições e caminhos como canais de comunicação entre dimensões temporais, conforme propõe Diehl (2002, p.116-117):

A memória pode constituir-se de elementos individuais e coletivos, fazendo parte de perspectivas de futuro, de utopias, de consciências do passado e de sofrimentos. [...] Pelo senso comum, a memória está intimamente ligada às tradições familiares, grupos com suas idiossincrasias peculiares. Nesse nível, ela representa possibilidades de aprendizagem e de socialização, expressando assim, continuidade e identidade daquelas tradições.

Apesar das dificuldades que ainda vivenciam, como falta de água encanada em muitas residências, falta de atendimento médico e odontológico nas comunidades, vias de difícil acesso, transporte escasso com frequência de ida semanal à cidade, muitos moradores das comunidades ainda preferem viver na região. Para eles, é o lugar que conhecem, onde se sociabilizam uns com os outros e onde viveram durante toda suas vidas. “A gente é nascido e criado aqui, quando sai fica doido pra voltar. Acostumamos a viver aqui. [...] É bom, né? É meio difícil, mas é bom”. (M.P.X., 71 anos)

A paisagem se apropria da cultura, dos costumes e das práticas sociais das comunidades. Entre essas práticas estão as festas, a religiosidade, a agricultura, o uso dos recursos naturais, a culinária, a convivência entre as famílias. Para as comunidades, a paisagem da região, além de bela, sugere tranquilidade e bucolismo. Os moradores Kalunga dessa região percebem a paisagem de forma muito afetiva, sentindo-a como algo necessário, algo que sempre fez parte de suas vidas, tanto em seu aspecto material, no que diz respeito ao espaço rural e ao sustento que vem do cultivo da terra, quanto em seu aspecto imaterial e simbólico. “Aqui é um lugar sossegado, cê pode sair aqui ó, dormir de noite em qualquer cerrado desse aí ó, que nem onça tem”. (D.S., 48 anos)

Segundos dados da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) de 2004, a comunidade Diadema possui 50 domicílios e a comunidade Ribeirão, 41 domicílios, sendo que o número médio de pessoas por domicílio, segundo esse levantamento, é de 4,33 (MARINHO, 2008b).

A comunidade Kalunga tem sido alcançada por benefícios advindos do Governo Federal em alguns aspectos, como por exemplo, novas moradias de alvenaria substituindo as antigas feitas com adobe e palha, rede elétrica, entre outros. Mesmo assim, ainda é comum a presença dessas casas antigas, pois muitos ainda não foram contemplados nas etapas de construção que já foram executadas e outros mantiveram a antiga casa para utilizá-la de outras formas.

Poucas casas nessas comunidades recebem água encanada, apenas aquelas que possuem poços artesianos próximos. Por esse motivo, há a necessidade de ir até o rio, seja para buscar água para casa, seja para lavar louças e panelas, ou ainda para banhar-se.

Constatou-se, durante o trabalho de campo, que as residências, pouco a pouco, já estão sendo adaptadas pelos próprios moradores, que estão adquirindo o material de encanção para que seja instalado um sistema hidráulico que leve a água do rio até as casas. As residências dessas comunidades também já contam com energia elétrica.

O acesso às moradias dá-se, muitas vezes, por pequenas trilhas no meio do cerrado. A distância entre uma casa e outra é considerável, exceto aquelas cujos parentes próximos vão ocupando o mesmo terreno. Toda a região possui trilhas abertas e envoltas por vegetação do cerrado, pelas quais, esporadicamente, no decorrer do dia passam veículos, pessoas se deslocando a pé ou a cavalo.

As comunidades reivindicam estradas, posto de saúde, telefone público, casa digna para todos, água encanada, entre outros direitos básicos e necessários para garantir a sua cidadania. Contudo, nota-se o descaso de autoridades federais, estaduais e municipais que somente tem disponibilizado para essas comunidades benefícios sociais como cestas básicas e Bolsa Família. Essas políticas se mostram insuficientes diante da realidade local, pois não auxiliam na forma de organizar a produção, na distribuição e no consumo de bens socialmente produzidos.

Sobre o direito à cidadania, Santos (2007) afirma que o exercício dessa cidadania não está em falta apenas no meio urbano, mas, sobretudo, no meio rural, sendo o mercado e o Estado os grandes responsáveis por essa situação. O morador do campo se encontra incapaz de agir diante de uma economia cada vez mais modernizada e excludente. Além disso, o mesmo é muito mais privado de direitos que a maioria dos moradores da cidade, pois os serviços públicos essenciais lhe são negados, sob o pretexto de não haver recursos para fazer chegar saúde e educação, água e eletricidade e tantos outros serviços essenciais.

Marinho (2008a), pensando o consumo como um meio de aquisição da cidadania, explica que a pouca disponibilidade de recurso, tanto de renda quanto de acesso a produtos do mercado também fragiliza essas comunidades, colocando-os numa condição de cidadania incompleta.

Figura 2: Morador pelas trilhas da região.
Autoria: Luana N. M. de Lima, maio 2011.



Figura 3: Casa de adobe, moradia Kalunga.
Autoria: Luana N. M. de Lima, maio 2011.



A maioria dos Kalunga se autodenomina católicos, mas por manter certa autonomia em relação à Igreja, pode ser considerado um catolicismo independente, com práticas diferentes das exercidas na liturgia da igreja. São devotos de São Sebastião, Santo Antônio, Divino Espírito Santo, São José, Santo Reis, Nossa Senhora de Aparecida, Nossa Senhora d'Abadia, Nossa Senhora das Neves, dentre outros santos. Nas comunidades Diadema e Ribeirão, existe uma pequena capela onde as missas são realizadas mensalmente por um padre que se desloca da cidade.

Os moradores dessas comunidades participam da Festa de Nossa Senhora de Aparecida nas proximidades da capela em Diadema, no mês de outubro, da Festa do Divino Espírito Santo, no Vão de Almas em agosto, da Folia de Santo Reis em janeiro na Ema e da Romaria de Nossa Senhora d'Abadia em Cavalcante, entre outras festas. A distância entre as comunidades de Diadema, Ribeirão e Ema (Teresina de Goiás) e as demais comunidades Kalunga dos municípios de Cavalcante e Monte Alegre de Goiás varia entre 20 a 30 quilômetros, que eles percorrem a pé ou cavalo por entre as serras nas ocasiões das festas.

Essas festas são momentos e pontos de encontros. As conversas realizadas com moradores das comunidades em questão revelam que o encontro com amigos e parentes é a principal motivação de sua frequência às festas todos os anos, sendo um período muito esperado por todos. Nesses relatos é possível perceber sentidos e sensibilidades relacionados às ocasiões festivas. As festas, em geral, revelam o misto do sagrado e do profano em expressões de fé e de práticas solidárias. Assim, além de uma

ocasião para celebração religiosa, também é um momento de encontrar parentes e amigos que há muito tempo não se vê, tratar sobre negócios, arranjar casamentos e até de se realizar vinganças.

Segundo Silva Jr. (2008), as festas religiosas são circulares, demarcando a passagem do tempo, o cultivo da terra, e caracterizando-se pela oportunidade de congregarem no mesmo ambiente pessoas de toda a comunidade. Ocorre manifestações de fé, alegria, política e reencontros entre familiares e amigos, durante vários dias. Enquanto comungam os preceitos festivos e católicos discutem o futuro e avivam um novo ciclo. De acordo com este autor:

Como toda festa popular, elas são demoradas e marcadas por uma contínua e deliciosa comilança” proclamando a abundância e a perspectiva de um tempo melhor. Durante vários dias uma incessante corrente de novenas, ladainhas, bebidas e fogueiras evocam o poder dos mais velhos, legitimam famílias, abrem espaço para os mais novos e trocam experiências profundas. A organização da folia não segue esquema determinado fechado e o peditório é feito nas casas e no rancho com cabanas de palha. Comidas e bebidas são oferecidas durante o festejo e ladainhas. (SILVA JR., 2008, p. 4).

A descrição do autor pode ser confirmada em muitos aspectos por moradores das comunidades, principalmente no que diz respeito às novenas, aos comes e bebes e aos pequenos comércios desenvolvidos nesses períodos em cabanas de palha próximas à capela. Segundo relatos de S.F.M., cada família leva de casa a própria comida para o festejo. A refeição são alimentos comuns consumidos no dia a dia das famílias, como arroz, feijão, abóbora, milho. Algumas levam carne e outros tipos de alimentos, como biscoitos, macarrão, café, entre outros.

Segundo Siqueira (2006), a Festa de Nossa Senhora de Aparecida envolve a novena, o giro da folia e o império (ou reinado). A novena é rezada na capela, sendo a cada dia um noveneiro responsável pela reza e pelo oferecimento de lanche aos presentes. Há oito dias de novena antes do último dia (nono), quando há a representação do império e o arremate da folia. O nono dia, então, completa a novena no dia 12 de outubro, instituído como dia de Nossa Senhora de Aparecida. A festa corresponde ao encerramento das celebrações.

Nas noites da festa dança-se o forró em um grande rancho de palha construído próximo à capela e serve-se o “banquete do reinado”. Também próximos à capela são dispostos vários barracos de palha onde se vende bebidas, comidas e

guloseimas, geralmente produzidas por eles mesmos com o saber-fazer tradicional. Nos últimos anos surgiu o comércio de roupas, CDs e outros artigos.

S.F.M. comenta que pela presença de muitos visitantes foram criados os “restaurantes” e muitos moradores vão às festas exclusivamente em função do comércio. Não considera de forma alguma negativa a presença desses visitantes vindos de outras cidades, até porque eles possibilitam a existência desses comércios que muito contribuem aumentar a renda de alguns, o que é possível somente durante a festa.

É possível afirmar que as práticas religiosas, profundamente ligadas às partes do festejo, revelam a dinâmica social da comunidade quilombola, as operações simbólicas nelas contidas também sustentam a produção de seu território. O ritualismo, presente na duração cíclica do tempo deixa transparecer as constâncias se repetindo, se articulando e apresentando performances e celebrações.

Figura 4: Foliões fazendo o giro da folia. Autoria: Luana Nunes M. de Lima – 11/10/2011.



Figura 5: Alferes fazendo a venda diante do império e do guardião da espada. Autoria: Luana Nunes M. de Lima – 12/10/2011.



Muitos moradores das comunidades, nos últimos anos, converteram-se ao protestantismo, por intermédio da Igreja Assembléia de Deus e da Igreja Batista. Esta última é responsável pela criação e manutenção da Creche Ebenézer, que atende atualmente 21 crianças Kalunga das comunidades. Segundo relatos, como resultado dessas conversões, as festas perderam muitos foliões e houve a diminuição da quantidade de frequentadores.

A base da economia Kalunga é a agricultura de subsistência. As famílias geralmente cultivam mandioca, feijão, abóbora, banana, mamão, milho, arroz (temporariamente), além de outras frutas, raízes e ervas utilizadas como remédios. A

atividade de cultivo do alimento nas roças, pomares e hortas é parte da relação com a terra na cultura Kalunga. Nota-se o cuidado e o respeito com a natureza, e a diversidade cultivada nas roças, que normalmente ocupam pouco espaço, com intensa produção.

Em Ribeirão e em Diadema foram identificados poucos criadores de gado, sendo que alguns moradores criam o gado solto por não possuírem condições favoráveis para manter pastagens.

Na região também pode ser encontrados uma grande diversidade de frutos do Cerrado. Entre eles, mangaba, pitomba, cagaita, jatobá do campo, pequi, coco, caju, araçá, baru, macaúba e outros. Segundo relatos extraídos das entrevistas nessas duas comunidades, esses frutos não estão sendo bem aproveitados na época em que amadurecem e muitas vezes, perde-se grande quantidade. Os moradores da região ainda não receberam treinamento para o armazenamento e o uso na culinária, mas afirmam terem conhecimento de projetos com esse fim, tanto da Universidade Federal de Goiás quanto da Secretaria da Agricultura de Goiás.

Os Kalunga são portadores de saberes e revelam profundos conhecimentos sobre plantas e animais, associam as mudanças de estação, fases lunares e ciclos biogeoquímicos, ecológicos e hidrológicos ao conhecimento dos diferentes tipos de solo, utilizando seus espaços em interação com a natureza do cerrado. De acordo com Almeida (2003, p.78), “isso permite afirmar que a natureza converte-se, assim, em um patrimônio cultural e a biodiversidade deste ecossistema é, na atualidade, parcialmente de domínio destas populações”.

Há uma preocupação cada vez maior com a preservação do cerrado e com o patrimônio biológico existente no bioma, bem como, com a relação cultural existente entre os Kalunga e o cerrado, que não pode se perder. As comunidades Kalunga aderem uma visão particular e uma especificidade de vivência que contribuem para a valorização e conservação ambiental. A relação dos Kalunga também com o rio é muito expressiva. Nas comunidades Diadema e Ribeirão passam o rio Paranã e o Ribeirão dos Bois. O Ribeirão dos Bois divide as duas comunidades e deságua no Paranã. O córrego Santo Antônio em Diadema deságua no Ribeirão dos Bois (Figura 1). A comunidade utiliza o rio para pesca de autoconsumo, para tomar banho, para trato dos animais, entre outros. As mulheres lavam roupa principalmente no Ribeirão dos Bois. A pesca é

realizada pelos homens da comunidade em maior frequência no Funil, no rio Paranã, melhor local para essa atividade. Além disso, por encontrar-se ao “pé da serra”, no Funil, o rio contrasta-se com uma bela margem rochosa, formações geológicas, abundante vegetação e serras em todo seu arredor.

Por muitas dessas descrições aqui contidas, o território Kalunga constitui-se em sítio histórico e patrimônio cultural, tal como foi oficializado em 1991 pela Lei Complementar do Estado de Goiás, número 11.409-91 . Contudo, em entrevistas com os moradores foi possível perceber que a maioria não tem conhecimento ou não compreende o sentido dessa designação ao seu próprio território. Muitos consideram importante apenas a questão da posse das terras. Apesar de “ouvirem falar” denotam uma relativa desvinculação com o passado. Sobre isso, Paula e Avelar (2002) explicam que “assuntos de difícil rememoração como discriminação e o tempo da escravidão vivido pelos pais e avós, oscilam entre o silêncio e o esquecimento”. Mesmo assim, ainda manifestam atitudes de resistência e consciência quando seu território é ameaçado, como corrobora o trecho abaixo:

Aqui tem um negócio que esse povo tava falando que há muitos anos que eles vai por uma barragem aqui, nesse Funil aí. Essa barragem num é de agora não. Aí uns fala que vai por essa barragem, outros fala que num faz, outros fala que faz. Outros fala que pra fazer essa barragem o povo tem que assinar se não num faz. Outros fala que não, mesmo que num assinar faz. Esse povo aqui é grande, o nome desse povo aqui tá longe. Como é que vai fazer essa barragem com esse povo tudo no Cerrado aí? (Morador de Diadema).

As políticas afirmativas, a partir dos anos 1980, necessárias ao processo de reconhecimento de populações remanescentes de quilombos, assumiram uma grande importância no processo de reformas constitucionais, por meio das quais essas comunidades passaram a ter a possibilidade de reivindicar seus direitos como remanescentes quilombolas (ARAÚJO; NAZARENO, 2010).

Almeida (2010a) explica que a partir da criação e das ações de apoio da Fundação Cultural Palmares, os Kalunga passaram a ter interesse por se identificarem como quilombolas. Por meio de políticas governamentais, os mesmos vêm tomando consciência da importância de suas raízes, de seus saberes e de sua identidade. Conforme o artigo 2º do Decreto 4.887, de 20 de novembro de 2003,

consideram-se os remanescentes das comunidades dos quilombos, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra, relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (Fundação Palmares, 2008).

É preciso considerar que cada grupo de quilombolas possui singularidades que não podem ser reduzidas a definições históricas ou simples ideias de isolamentos, de fugas e de união entre os grupos. Embora essas comunidades desconheçam o passado que lhes são imputado, “se reconhecem em uma identidade coletiva, consideram-se depositários desse patrimônio e responsáveis por transmiti-lo para gerações futuras” (ALMEIDA, 2010a, p. 120).

Perspectivas e possibilidades para o desenvolvimento turístico nas comunidades Diadema e Ribeirão

Oliveira e Marinho (2009) tratam o turismo sustentável como um processo de desenvolvimento voltado aos valores humanos e à diversidade cultural. Esse tipo de turismo deve contemplar uma estratégia eficaz de inclusão social, de desenvolvimento sócio-cultural e de preservação ambiental. Contudo, os projetos de turismo que têm este rótulo têm demonstrado uma estreita articulação com uma lógica capitalista para assegurar seus lucros em detrimento de comunidades locais. Nota-se que o “sustentável” diz respeito à sustentabilidade econômica empresarial. Sustentável é também, relativo às políticas ditas desenvolvimentistas, ao discurso empresarial dos investidores no turismo contrários aos interesses de populações localizadas nas áreas de potencialidades turísticas. As críticas ao termo e às contradições que envolvem seu uso existem, o que nos leva a adotar neste artigo o “turismo responsável”. O foco principal do turismo responsável é o comprometimento social, cultural e ambiental com o ambiente e com a comunidade receptora.

Os hábitos culturais das comunidades Kalunga podem servir de estímulo à implantação tanto do turismo em espaço natural - que envolve o exercício de atividades realizadas junto ao meio ambiente e ligadas ao cotidiano rural - quanto do turismo cultural; aquele direcionado às pessoas que desejam vivenciar tradições e costumes específicos dessas comunidades quilombolas.

O turismo responsável possibilita o contato de turistas com a comunidade visitada por meio de serviços de hospedagem, alimentação, conduções e passeios, e também durante as festividades que valorizam a cultura e os costumes locais. Deve ser realizado de forma que minimize ao máximo possíveis degradações e impactos, tanto ambientais quanto culturais.

Em diversas comunidades o turismo tem sido fundamental na revalorização da cultura local, contribuindo na preservação de seu patrimônio. Para a Organização Mundial do Turismo (2003, p. 76):

[...] elementos culturais podem encontrar no turismo um importante veículo de revitalização e conservação, geralmente de forma seletiva. Ao observarem que os turistas apreciam suas tradições, é mais provável que os residentes renovem seu orgulho em relação à sua cultura e apoiem a sua conservação.

O “turismo responsável” trata-se de um outro modo de visita e hospitalidade, diferenciado em relação ao turismo massificado, que valoriza pequenas cidades e povoados, as singularidades e gêneros de vida distintos que os constituem, respeitando as heranças culturais e tradições locais. Levando em conta as características das comunidades Kalunga, este “turismo responsável” é a alternativa mais adequada para sua implantação, sobretudo em Teresina de Goiás.

Atualmente, Teresina de Goiás é o município mais novo da Chapada dos Veadeiros, foi emancipado em 1988, deixando de ser distrito de Cavalcante. Faz parte do Roteiro Turístico Reserva da Biosfera Goyaz. A distância da capital do estado é de 431 km. O município é cortado pela GO 118 e pela GO 241, que dá acesso a Cavalcante. Sua proximidade com os municípios de Cavalcante e Alto Paraíso, onde se situa o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, é um elemento facilitador ao fomento da atividade turística no que diz respeito a sua participação do roteiro integrado da Biosfera Goyaz.

O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) desempenhou um trabalho de indicação das potencialidades turísticas do município, associando-as diretamente à presença dessa comunidade quilombola. Em novembro de 2000, foi realizado pelo Grupo Nativa, em parceria com o SEBRAE/GO, o Inventário da Oferta Turística de Teresina de Goiás. Segundo os resultados desse trabalho, existem 27 atrativos turísticos na região, porém, o único viável economicamente por sua

estrutura atualmente é a Cachoeira do Poço Encantado na Fazenda do Rio das Pedras. Além disso, o estudo reiterou que o município possui um diferencial em relação às outras localidades da Chapada dos Veadeiros: a presença da Comunidade Kalunga em grande parte do seu território, o que conformaria a identidade turística do município (CRUZ e VALENTE, 2005).

Desses atrativos inventariados na região, podem ser listados: Alpes Goianos, as cachoeiras Areia, Caiçara, Cascata, Araras, do Engenho, do Mosquito, do São João dos Costas, Escondida, Fundo do Pasto, Quebra Bunda, São João, Santa Rosa, Tereza, Três Degraus, da Pedra Lavrada, Cachoeirão, Corredeiras do Funil, Corredeiras do São João. Com exceção das corredeiras do Funil, não constam nesse inventário outros atrativos situados na região das comunidades Ribeirão e Diadema.

Com a realização da visita de campo, constatou-se que a região dessas comunidades é dotada de elementos que podem ser atrativos para o turismo rural, turismo de pesca e turismo cultural. Além disso, a paisagem da região formada pelas serras, rios e longas extensões de cerrado constitui-se também em um atrativo. Durante todo trajeto na GO 118 a partir de Teresina de Goiás para a entrada nas comunidades e nas trilhas para a chegada nas residências dos moradores o cerrado vai se mostrando em suas mais variadas formas: Cerrado *stricto sensu*, cerradinho, campo – rupestre, veredas, cerradões e matas galerias, formando um mosaico de vegetação cobrindo serras, morros e vales a perder de vista.

A partir de identificações dos Kalunga foram visitados os seguintes locais potencialmente turísticos:

1) Ribeirão dos Bois: O córrego Ribeirão dos Bois atravessa as duas comunidades. Foram visitados quatro locais por onde ele passa: 1. A ponte que divide as comunidades Diadema e Ribeirão; 2. O ponto em que deságua no rio Paranã. 3. O quintal de uma moradora que se serve da água para o próprio consumo familiar. 4. Um ponto próximo a outras residências de moradores, no qual se estabelece a plantação de roças.

Nesses pontos do córrego visitados foi possível encontrar algumas potencialidades de atrativos turísticos, especialmente por se tratar de áreas boas para banhos em épocas não chuvosas. Também é possível a prática de atividades como

canoagem e bóia-cross em partes mais profundas do córrego. Nas imagens abaixo alguns desses pontos podem ser visualizados.

Figura 6: Ribeirão dos Bois, próximo a ponte. A autoria: Luana N. M. de Lima, maio 2011.



Figura 7: Ribeirão dos Bois em quintal de moradora. A autoria: Luana N. M. de Lima, maio 2011.



2) Rio Paranã: é um rio que nasce no planalto central e deságua no rio Maranhão no estado do Tocantins. Possui corredeiras em alguns pontos, e profundidade e aspecto caudaloso em outros. Na jusante o rio se alarga alcançando um extenso horizonte, onde só é possível ir de barco. Mas há vários outros locais de fácil acesso para visitação. No local onde o Ribeirão dos Bois deságua no rio Paranã, a Serra da Contenda apresenta-se como cenário de fundo, formando uma paisagem propícia para a contemplação e fotografia. O rio também pode ser utilizado para atividades como canoagem, passeios de barco, banho, pescaria, além de apresentar aspectos favoráveis para a implantação de tirolesas. Para chegar até esse local é preciso passar pela terra de L.M.S. e F.S., que se colocam à disposição para guiar e inclusive levar de barco até a outra margem.

Figura 9: Rio Paranã e seu leito caudaloso. Local da confluência entre Rio Paranã e Ribeirão dos Bois deságua. A autoria: Luana N. M. de Lima, maio 2011.



Figura 8: Rio Paranã e Serra da Contenda. A autoria: Luana N. M. de Lima, maio 2011.



3) Funil: Tem essa denominação por ser o local onde o rio Paranã se afunila ao “pé” da Serra do Vão de Almas. Esse é o lugar preferido para a pesca por muitos moradores das comunidades Kalunga, que fazem o percurso até lá constantemente a pé ou a cavalo, uma distância aproximada de cinco quilômetros a partir da escola de Diadema. Turistas vindos de Brasília e outras cidades próximas frequentam o local, especialmente para praticarem a pesca. A paisagem compõe-se pelo rio e topografia: mescla da correnteza das águas com as margens rochosas e com as serras em seu entorno. É necessário deixar o veículo em determinado lugar e fazer o restante do percurso (aproximadamente um quilômetro) a pé em meio à mata. Há dificuldade para chegar ao local em virtude da declividade até o rio e também da quantidade de grandes blocos de rochas no caminho, o que exige muito esforço físico. Para uso com atrativo turístico, o local requer uma estrutura que garanta segurança e viabilize o acesso.

Figura 10: Funil; pescadores das comunidades.
Autoria: Luana N. M. de Lima, maio 2011.



Figura 11: Funil – vista geral da serra e da vegetação.
Autoria: Luana N. M. de Lima, maio 2011.



4) Casa de Farinha: As comunidades de Diadema e Ribeirão realizam o plantio de mandioca durante todo o ano para a própria subsistência. A farinha da mandioca é, portanto, um alimento muito comum nessas comunidades. A casa de farinha trata-se de uma casa de beneficiamento criada pelo governo municipal de Teresina de Goiás por meio do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura (PRONAF) do Ministério da Agricultura e do Abastecimento, com todos os maquinários necessários para fazer farinha. Localiza-se próxima à escola de Diadema. É o espaço onde as comunidades, especialmente as mulheres, exercitam sua habilidade técnica, cotidianamente desenvolvida pelos anos de convívio-aprendiz com a natureza.

Figura 12: Casa de farinha em Diadema. Autoria: Luana N. M. de Lima, maio 2011.



Figura 13: Maquinários da Casa de Farinha. Autoria: Luana N. M. de Lima, maio 2011.



A casa da farinha de Diadema, embora em muitas regiões do país represente um importante patrimônio cultural por sua importância na vida de muitas populações, não é percebida pelos Kalunga com toda essa representatividade. Muitos não a utilizam, preferindo as formas caseiras de fazer farinha, utilizando pau de angico para ralar a mandioca. Mesmo assim, a casa da farinha é utilizada por muitas famílias, mas permanece a maior parte do tempo inutilizada. Para se constituir um atrativo cultural, torna-se necessário que as mulheres se empenhem em oferecer momentos de visualização da prática da comunidade, o que não é comum todos os dias. Embora haja o plantio de mandioca durante o ano todo, a produção de farinha é feita esporadicamente pelas famílias, e geralmente para próprio consumo.

5) Trilhas pelo cerrado: As trilhas pelas matas da região foi outra atividade realizada de forma exploratória. Essa atividade constitui-se em um atrativo turístico, sendo possível visualizar de perto a vegetação, as espécies de animais como o pássaro preto, quero-quero etc, e espécies vegetais como mangaba, baru, pequi, cagaita, araçá, araticum, buriti, entre outras. Além disso, assim como outras atividades, as trilhas e caminhadas pela mata permitem um contato maior com moradores locais, que se mostram sempre dispostos a receber visitantes, demonstrando a todo o momento seus conhecimentos sobre as espécies, saberes e tradições locais.

O artesanato, a produção de doces, licores e outros produtos da culinária que podem ou não utilizar frutos do cerrado ainda se mostram bastante inexpressivos. Justifica-se pela

ausência de compradores que possibilite esse comércio. Existem poucas pessoas nas comunidades que fazem sofás de buritis, mas para seu próprio uso.

Figura 14: Moradores trabalhando em roça nas margens do Ribeirão dos Bois. Autoria: Luana N. M. de Lima, maio 2011.



Ao serem questionados sobre as possibilidades de desenvolvimento turístico na região, os moradores demonstram interesse e o vêem como algo necessário. Além disso, afirmam que a região possui potencialidades pouco exploradas e acreditam que essas potencialidades poderiam ser utilizadas pelas próprias comunidades para geração de renda e melhoria da qualidade de vida. Entretanto, suas perspectivas com relação ao turismo são mínimas, tendo em vista o desconhecimento, a falta de capacitação, de recursos econômicos e de políticas específicas para desenvolvê-lo. A fala de uma moradora da comunidade Diadema expressa a opinião de muitos outros moradores da região sobre o turismo:

Mas o problema é a gente pra ter o turismo assim, a gente tem que gastar pra poder arrumar as coisas, mais melhor, né? Porque ali do jeito que tá não tem como a gente levar ocê lá pra cobra docê alguma coisa [...]. Tem o ponto bom, mas sem a condição pra arrumar, num tem, né? [...] Só porque tem o rio, tem a entrada aí a gente vai cobrar? Eu acho que tem que fazer uma coisa mais avaliada pra pessoa olhar e ver que merece ser cobrado, pra gente ganhar um troquinho. (L.M.S., 54 anos)

Muitos se voltam para o turismo, ainda que de forma economicamente desinteressada, manifestando hospitalidade, disposição para receber até mesmo em suas casas e conduzir visitantes aos atrativos. D.S. fala sobre as possibilidades que o turismo poderia trazer:

Mas isso aí é bom demais, né? Se tiver gente pra fazer as coisa, não... arruma tudo as coisa aqui pra vender. E quando vem gente de fora aqui é muito bom também, é outras coisas, é outro movimento. [...] Se eles falar assim ó: tal dia assim vai vir uma pessoa de fora; aí a pessoa previne e o dia que chegar tem, tem doce, tem uma fruta daqui, outra fruta d'acolá, tem uma farinha e aí vai indo. Mas, assim, sem saber cada um cuida é deles mesmo. (D.S., 48 anos)

O relato desse morador evidencia o interesse das comunidades pelo turismo, uma vez que enxergam possibilidades de desenvolverem o comércio no local. A não existência de produtos e frutos para serem oferecidos se deve principalmente a pouca ocorrência de visitantes no meio dessas comunidades.

O atual prefeito da cidade, Odete Teixeira Guimarães, afirma que a região das comunidades abordadas é dotada de potencialidades, incluindo a própria cultura Kalunga, as festas, as danças, etc. Entretanto, não existe demanda turística nem capital para ser investido no local. Não existe a captação de recursos para o setor turístico. Informa que os turistas em sua maioria originam-se de Brasília e Goiânia e, aleatoriamente, transitam turistas de outras partes do Brasil e do mundo. Explica que a cidade não tem infraestrutura necessária para receber uma demanda turística maior, contando apenas com poucos equipamentos turísticos: Hotel Entre Serras, Uirapuru, Pousada Estrela d'Alva, e os restaurantes Zero Hora, Beira Serra e Chão de Palha.

Na praça principal de Teresina de Goiás, nos meses de abril e maio de 2011, verificou-se a presença de uma faixa anunciando um curso de capacitação profissional em turismo, desenvolvido pelo Centro de Atendimento ao Turista (CAT) de Cavalcante, abrangendo os demais municípios da região das Chapadas, com os seguintes segmentos: técnico de preparo e controle de cozinha, condutor de visitantes, gestão turística e formação profissional para hotéis.

Ainda conforme o prefeito, o Ministério do Turismo envia determinada verba para projetos como esse anunciado pelo CAT, mas na prática não é utilizada exclusivamente para sua realização. Ele suspeita que parte da verba é desviada e, por isso, não atinge as comunidades que são o público alvo dos projetos. Nesse curso de capacitação oferecido em Cavalcante constatou-se que não houve a participação de nenhum morador das comunidades de Diadema e Ribeirão.

Os equipamentos turísticos de fato não são suficientes para comportar uma quantidade expressiva de turistas. Porém, vale considerar o tipo de turismo que se

espera para a região, antes mesmo de se pensar nas adequações do município para o turismo. Além disso, denota-se que não há a divulgação dos cursos de capacitação, nem um trabalho de conscientização e de inclusão dessas comunidades na implementação da atividade turística.

Considerações finais

O estudo permitiu compreender o que forma o território e a identidade territorial Kalunga. As paisagens naturais e culturais, o modo de vida rural, o trabalho, a relação com a natureza, a religiosidade e as práticas festivas são elementos que marcam a identidade cultural dessas comunidades Kalunga. A identidade do grupo é responsável por criar um sentimento de pertencimento ao seu território, permitindo que se fortaleçam e se autoafirmem enquanto grupo étnico, mantendo sua cultura e seus costumes.

Conforme reitera Almeida (2010b), a identidade cultural Kalunga dá sentido ao território e define suas territorialidades. Nesse sentido “a cultura, como dimensão de operações simbólicas, adere-se às paisagens, as constrói e as conforma mediante vivências e significações” (p.44).

Como foi dito anteriormente, o território das comunidades Diadema e Ribeirão ainda permanece, em muitos aspectos, longe de se estabelecer com uma condição de cidadania completa. A ausência de muitos recursos deixa essas comunidades à margem de um desenvolvimento econômico e social mais efetivo.

O potencial turístico da região pode revelar-se como um elemento potencializador da cidadania, pois, em ações que viabilizem esse setor na região, muitas famílias poderão se beneficiar com a geração de renda extra por meio de serviços prestados aos turistas e produtos que poderão ser comercializados. Também pode fortalecer a identidade cultural das comunidades, uma vez que o contato com o “outro” promove o reconhecimento e valorização da própria cultura.

Além dos atrativos que foram identificados e descritos, as comunidades Kalunga de Diadema e Ribeirão possuem um rico conhecimento de frutos e plantas do cerrado. Há interesse, por parte das comunidades em produzir alimentos e mudas para o

próprio consumo e também visando a comercialização, na busca de uma nova possibilidade de geração de renda.

A presente pesquisa apontou as potencialidades turísticas, que podem ser inseridas como possibilidades de desenvolvimento do ecoturismo, com destaque para o turismo cultural, rural e de pesca. A partir desse diagnóstico foi possível, em consonância com o projeto² ao qual a pesquisa está vinculada, a proposição de cursos e oficinas. Neles foram abordadas as temáticas de harmonia e equilíbrio com o bioma cerrado, reflexão sobre o sentido de existência e pertencimento ao bioma, bem como, alternativas para a criação de trilhas interpretativas, informação e receptividade turística.

Diante disso, também é importante ressaltar que as atividades econômicas a serem implantadas nos programas de desenvolvimento local, como o turismo, valorizem a identidade e o saber local, bem como garantam sua participação na busca por melhores condições de vida.

O caminho para o desenvolvimento turístico na região parte também da maximização da habilidade da prefeitura para utilização dos programas sociais, para o planejamento de ações de desenvolvimento integrado e para captação dos recursos necessários à sua execução. O exercício de experiências alternativas, como o turismo, pode ser enfrentado pelas comunidades Kalunga de Diadema e Ribeirão, desde que contem com o apoio de políticas públicas que não percam de vista as características singulares desse grupo étnico.

Considerar os aspectos sociais, culturais e econômicos, que definem essa identidade, é fundamental para a elaboração e implementação de estratégias de desenvolvimento capazes de promover a sustentabilidade social e econômica da região.

Interessa nessas considerações finais destacar, principalmente, as potencialidades territoriais dessas comunidades e ressaltar a importância do reconhecimento de suas habilidades e competências, no sentido de “desvelar valor” e potencializar sua condição de parceiros na cadeia do ecoturismo.

² Troca de saberes no Cerrado: ecologia, valorização dos quintais, segurança alimentar e cidadania nas comunidades Kalunga em Teresina de Goiás. Edital nº5, Pró Reitoria de Extensão (PROEXT), Ministério da Educação (MEC) / Secretaria de Educação Superior (SESU), 2010.

Referências

ALMEIDA, M.G. Dilemas territoriais e identitários em sítios patrimonializados: os Kalunga de Goiás. In: PELÁ, Márcia; CASTILHO, Denis. *Cerrados: perspectivas e olhares*. Goiânia: Ed. Vieira, 2010a.

_____. *Territórios de Quilombolas: pelos vãos e serras dos Kalungas de Goiás – patrimônio e biodiversidade de sujeitos do Cerrado*. Revista Ateliê Geográfico – edição especial, Goiânia, v. 1, n. 9, p.36-63, 2010b.

_____. *Cultura ecológica e biodiversidade*. Mercator - Revista de Geografia da UFC, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 71 – 82, 2003.

CRUZ, K. C. M. dos S.; VALENTE, A. L. E. F. *A cachoeira do Poço Encantado: empreendimento familiar e presença Kalunga na cadeia do ecoturismo em Teresina de Goiás*. Revista RER, Rio de Janeiro, v. 43, n. 4, p. 779-804, 2005.

DIEHL, Astor Antônio. *Cultura historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

NEIVA, Ana Cláudia Gomes Rodrigues et l. *Caracterização socioeconômica e cultural da comunidade quilombola Kalunga de Cavalcante, Goiás, Brasil: dados preliminares*. In: IX Simpósio Nacional do Cerrado, 2008, Brasília-DF: Anais... Brasília-DF: Parla Mundi. 2008.

OLIVEIRA, Anelize M. de; MARINHO, Marcelo. Comunidade quilombola de Furnas do Dionísio: aspectos relacionais entre cultura, turismo e desenvolvimento local. In: BARTHOLO, R.; SANZOLO, D. G.; BURSZTYN, R. *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: COPPE / UFRJ, 2009. pp. 45-54.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. *Guia de desenvolvimento do turismo sustentável*. Porto Alegre: Bookman, 2003.

PAULA, M. V. de; AVELAR, G. A. De. *Comunidade Kalunga: trabalho e cultura em terra de negro*. Espaço em Revista, Catalão, n. 45 (1), p. 77-87, 2001/2002.

MARINHO, Thais Alves. *Identidade e reconhecimento: nexos, práticas e consumo entre os Kalunga*. Revista Latitude, v. 2, n. 2, pp.123-142, 2008a. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/160/143>>. Acesso em 05 ago. 2011.

_____. *Identidade e Territorialidade entre os Kalunga do Vão do Moleque*. Goiânia. 2008b. 208 fls. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia. Universidade Federal de Goiás.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. 7. ed. São Paulo: Edusp, 2007.

SILVA JR., Augusto Rodrigues da. *Vozes e versos na festa quilombola dos kalunga*. Revista África e Africanidades, Brasília-DF, ano 1, n. 1, p. 1-21, 2008.

SIQUEIRA, Thaís Teixeira de. *Do tempo da sussa ao tempo do forró: música, festa e memória entre os Kalunga de Teresina de Goiás*. Brasília. 2006. 135 fls. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Ciências Sociais. Universidade de Brasília.

Recebido para publicação em junho de 2012
Aprovado para publicação em setembro de 2012